

JOAQUIM LOPES

*Faz-se como Livro
Dr. Azevedo Duarte
homenagem
de Joaquim Lopes
Fevereiro de 1952*

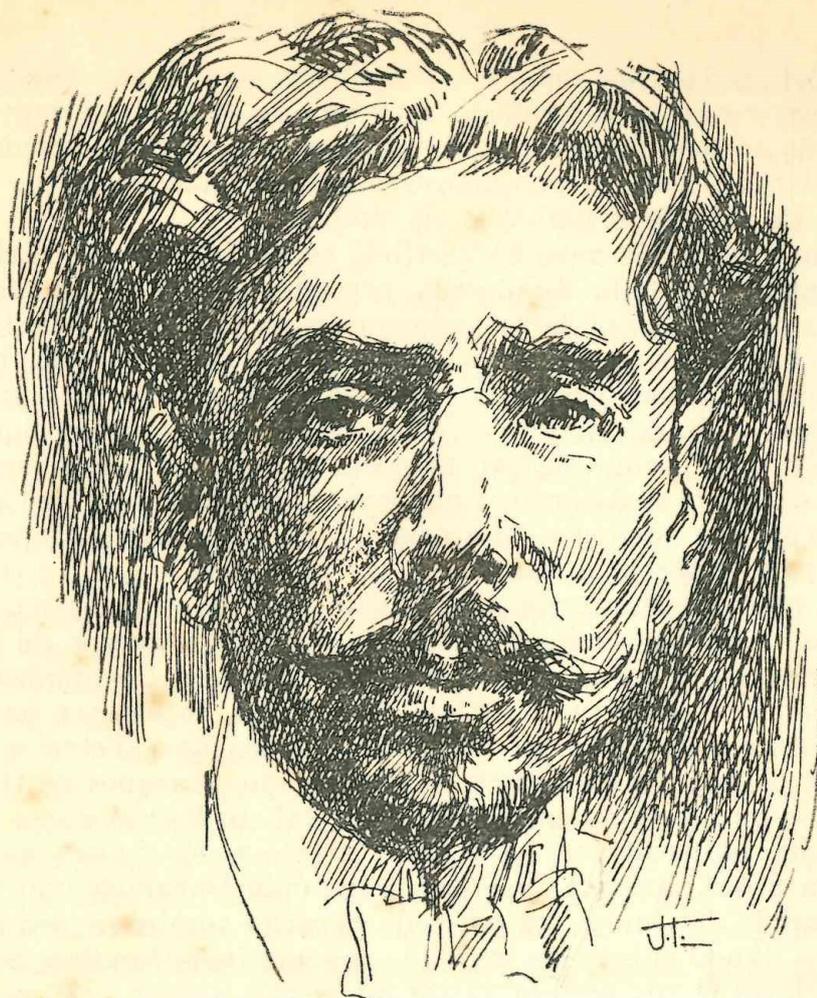
O PINTOR CÂNDIDO DA CUNHA

Conferência realizada na Assembleia
Barcelense em 31 de Março de 1951



Separata do n.º 165 (Vol. XLII) de 'OCIDENTE'

3)
Cunha, Cândido
OP



O PINTOR CÂNDIDO DA CUNHA (*)

Desenho e texto de JOAQUIM LOPES

Com o aparecimento de Vieira Portuense e a criação da Real Academia de Marinha e Comércio, a cidade do Porto não demorou em constituir-se verdadeiro centro de atracção para desenvolvimento do espírito e cultura das belas Artes. Naquele antigo estabelecimento de ensino seguiam seus estudos os nossos desenhistas e pintores, escultores e architectos, que dali saíam preparados para vencer na vida e, segundo os méritos de cada um, distinguirem-se de maneira a ser-lhes permitido aperfeiçoarem-se em países estrangeiros.

Centro de trabalho por excelência, gozando a legítima fama

* Conferência realizada no salão de festas da Assembleia Barcelense em 31 de Março de 1951.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 53096

Barcelense

que de longa data lhe vem, o velho burgo portuense sempre soube dignamente manter verdadeiro prestígio do qual ainda hoje se orgulha não só por, dentro dos seus muros, se haverem criado notáveis artistas plásticos, prosadores e poetas, mas ainda invulgares homens de ciência e maiores da política.

Com efeito, não raro se verifica, espontâneamente, dirigirem-se à antiga e citada Academia, procedentes dos mais afastados recantos nortenhos, onde primeiramente se tenham revelado, indivíduos que, por seus méritos originaes e aturado estudo, chegam a alcançar honrosa projecção nacional. Acrescente-se o facto de não terem faltado alguns que, possuidores de excepcional talento, somente porque nasceram nesta pequenina faixa territorial debruçada sobre o Atlântico, não conseguiram para o seu nome a justa expansão europeia, que sem dúvida lhes seria oferecida se noutro país tivessem existido.

No que às belas Artes diz respeito e particularmente à Escola do Porto, não será demais repetir nomes portuguezes de grande vulto, mas para quem outros mundos estariam destinados se tivessem nascido em França, Itália, Alemanha, Inglaterra ou até na vizinha Espanha. Estão neste caso Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Alves de Sousa, na Escultura, e Silva Porto, Marques de Oliveira, Pousão — que, nascido em Vila Viçosa, foi em Barcelos que revelou o primeiro balbuciar na Arte em que veio a ser figura primacial — Sousa Pinto, Aurélia de Sousa e António Carneiro, na Pintura.

Cândido da Cunha fez parte da geração admirável dos últimos referidos, tendo entre eles marcado posição inconfundível e de singular relevo. O seu aparecimento no meio artístico veio verdadeiramente a dar-se quando o Século XIX entrava em natural declínio.

Era notável a efervescência que, no domínio das Artes e do Pensamento, toda a Europa vivia. Pintores, Escultores, Arquitectos, homens das Letras e das Ciências, auxiliados pelo Governo ou, particularmente, por beneméritos Mecenas, vivendo legítimas aspirações, procuravam noutros países de superior cultura alargar o âmbito de conhecimentos de modo a tornarem-se grandes e úteis à Pátria.

Na Alemanha e na Itália ainda naquela época existia um vago crepitar de antigos clarões dos *Nazarenos*; por igual na Inglaterra os *Pre-rafaelistas* haviam cedido o passo às novas correntes dimanadas da França — onde os neo-impressionistas e simbolistas se organizavam e plantavam suas tendas, para oferecer combate aos homens do realismo estreme e do próprio impressionismo.

Portugal, de modo nenhum ficou estranho aos mesmos fervorosos anseios europeus de que Paris, naquele tempo, era o verdadeiro centro de irradiação. Soares dos Reis, Silva Porto e Marques de Oliveira foram os primeiros a receber o influxo do grande movimento e a benêficamente entre nós implantar suas leis e destinos de estrutural modernização. O Pintor barcelense teve a fortuna de ainda vir aquecer o seu espírito aos clarões geniais do criador do «Desterrado» e do autor admirável de «A Seara», falecidos quase

no momento em que ele se iniciava. Bem saltares lhe foram os referidos encontros, porventura os mais dignificantes e de melhor adaptação às naturais exigências do seu excepcional temperamento.



Cândido da Cunha, tendo honestamente alicerçado as bases da nobre profissão que elegeu nas lições e conselhos de João Correia e Marques de Oliveira, seus primeiros mestres na citada Academia Portuense, após a terminação do curso de Pintura, sem detença e no mais justificado entusiasmo, acorre a juntar-se aos seus colegas portugueses, então em grande número a estudar em Paris, Roma e Florença. A opulenta urbe francesa era — e continua a ser — o centro de propagação de modernos princípios literários, artísticos e filosóficos. Para nós, portugueses, desde os meados do Século XIX ela tornou-se, mais do que qualquer outra, uma espécie de imã ou ponto de natural atracção onde melhor nos sentimos, mais perfeitamente estudamos e onde, porventura, melhor convívio se nos oferece.

Nas últimas décadas do Século XVIII e começos da imediata centúria, no respeitante às Artes plásticas, era mais para Itália que as nossas atenções se dirigiam, sendo lá que verdadeiramente se formaram altos valores da categoria de Domingos Sequeira e Vieira Portuense. Porém, razões de ordem vária e factos nitidamente demonstrados vieram informar-nos da natural decadência em que havia entrado a Arte naquele país, depois da segunda Renascença. Os próprios italianos, com alguns seleccionados elementos de outras grandes nações, de quando em quando se deslocavam para se instalar em Paris, onde concluía seus estudos e lá mesmo, na Cidade-luz dos nobres ideais, apresentavam suas manifestações de renovadores princípios estéticos, que dali não demoravam em projectar-se na Europa e no Mundo.

Época, na realidade, excelente, repassada de inquietações vividas com fé e maior exaltação, levadas pela Imprensa, pelo Livro e até pelo telégrafo aos pontos mais afastados do Orbe. Era de paz e de conquistas espirituais em que o homem generosamente se debatia para oferecer ao Mundo razões de perfectibilidade e aquela indispensável parcela de bem-estar e beleza de que a vida tanto necessita e agradece.



António Cândido da Cunha nasceu em Santa Maria Maior, da vila de Barcelos — hoje elevada à categoria de cidade — a 11 de Fevereiro de 1866. Seu pai, José Joaquim da Cunha, o mestre Cunha, como era conhecido, de condição humilde, revelara grandes qualidades para a Música e, de algum modo, para o desenho architectónico. Em Barcelos ainda podem ver-se alguns prédios por ele delineados e dirigidos. Suas qualidades de inteligência e serie-

dade levaram o Estado, que não hesitou em reconhecê-las, a confiar-lhe a execução da ponte de Caminhas, em Entre-os-Rios. Estas modalidades artísticas bem cedo se fixaram no espírito do Pintor ilustre, o qual, desde tenra idade, aproveitava todos os momentos para se entregar ao Desenho, estudo consciencioso de que até ao fim da vida se manteve fiel e apaixonado servidor, não hesitando em colocá-lo na base da sua obra honestíssima. Ainda como herança paternal, Cândido da Cunha adorava a Música, cujo estudo chegou a exercer sem, contudo, a ela se consagrar como acontecera à Pintura. O que ele não podia, como Artista, era dispensá-la sempre que lhe era possível ouvir um grande executante ou um perfeito conjunto instrumental. Assim, nos melhores concertos levados a efeito no Porto ou rodeado de colegas e amigos literatos, a uma mesa do antigo «Café Lisbonense», onde em tardes e noites inolvidáveis se exibiram distintos músicos estrangeiros e nacionais, era certa a presença do Paisagista insigne. E se, à semelhança de seu irmão padre — que a exerceu com entusiasmo e saber — não chegou a distinguir-se como executante, manteve-se, todavia, tanto quanto a Pintura lho permitiu, respeitador das lições que em criança seu pai lhe dera.

Aos doze anos de idade manifestou a seus pais e a um ou outro amigo da casa o veemente desejo de ser Pintor. Como em casos idênticos, não conseguiu o jovem candidato a Artista ser imediatamente compreendido e aceite o desejo tantas vezes revelado. Por isso, só mais tarde — cerca de 1886 — seus pais se decidiram a levá-lo à oficina de um conhecido pintor-decorador, no Porto, na intenção de ali o entregarem à aprendizagem de trabalhos ornamentais. Na vasta oficina, entre tabuletas e abundantes latas de tinta, o tímido mancebo, atento ao ambiente e às palavras trocadas entre seu pai e o gerente da casa, no momento em que as coisas pareciam definitivamente ajustar-se para uma admissão imediata, cheio de tristeza segredou a sua mãe — *que não era aquele género de pintura que desejava aprender*. Em face de tal atitude, resolveram desistir do primeiro intento e procurar um conselho amigo nas únicas pessoas conhecidas que tinham no Porto. Em boa hora o fizeram os bondosos e inteligentes provincianos, pois não demorou que viesse da acuidade inteligente e acção decisiva de uma jovem senhora o verdadeiro e desejado rumo a dar à carreira dentro em breve iniciada por aquele moço concentrado e tímido, mas de cujo instinto artístico ninguém podia duvidar.

À intervenção do desenhador humorista Sebastião Sanhudo, muito da estima e amizade de alguns professores da então Academia de Belas-Artes, se deve a imediata admissão do novo aluno no estudo do Desenho e da Pintura naquele antigo estabelecimento de ensino. — Mal diria ele que, alguns anos após terminado o curso, havia de receber como esposa a distinta senhora, que, naquele momento, instintivamente lhe adivinhara a nítida vocação e o ajudara a abrir caminho na Arte por ele até os últimos instantes dignamente servida.

Sempre inquieto e exigente, trabalhando com entusiasmo e pro-
bidade, Cândido da Cunha frequentou assiduamente os três cursos
de: Pintura, Escultura e Architectura, obtendo, ao concluí-los, ele-
vadas classificações. Naquele tempo era possível e frequente os
alunos matricularem-se e seguir as três referidas cadeiras. Mestres
como Soares dos Reis — para me servir de um grande exemplo —
igualmente o fizeram.



O falecimento de José Joaquim da Cunha veio surpreender o
nosso Artista em plena actividade e vivo entusiasmo. Foi quase ao
terminar o curso que o jovem Pintor teve a infelicidade de perder
seu pai. Este, a despeito das qualidades de trabalho e de inteligên-
cia que possuía, não conseguiu amealhar o suficiente para consentir
a seu filho a indispensável continuidade nos estudos até à próxima
conclusão.

Valeu-lhe o generoso auxílio do Rei D. Carlos, que da sua bolsa
particular o subsidiou em Portugal oferecendo-lhe superior amparo,
junto do Governo da Nação para, durante dois anos, em Paris, se
aperfeiçoar até à conquista total dos conhecimentos necessários à
sua Arte. Lá, trabalhou fervorosamente e procurou o superior con-
vívio dos Mestres, o que, sem dúvida, lhe permitiu a elevada posi-
ção e prestígio que sempre dignamente soube conservar, se não
valorizar.

Foi nos estúdios e Museus parisienses, ao contacto com o mais
favorável ambiente desejado por um Artista, que sòlidamente se
formou e robusteceu a personalidade daquele singular barcelense
Lá criou amizades e recebeu provas de consideração. Desta ma-
neira, seguindo o rumo que a própria sensibilidade lhe impunha,
ao aproximar-se a época da abalada para o campo, era vê-lo satis-
feito e confiante munir-se da necessária provisão de telas e tintas
para se dirigir aos lugares mais característicos da Bretanha que
ele tanto amou. Aí, artisticamente se encontrou e se afirmou na
interpretação dos temas crepusculares, feição inconfundível no ex-
celente Artista de cuja expressiva razão sentimental nunca mais
se desprende para intimamente a conservar presente no espírito.
Foi essa interessante e vasta zona do solo gaulês, tão solicitada
não só pelos Pintores franceses como por outros de nacionalidades
distantes, que o Pintor lusíada, depois de Paris, elegeu para campo
fértil das suas próprias inquirições artísticas.

Entre os trabalhos inspirados em Pont-Croix e Morbiham, da
Finisterra, é justo salientar «Sagrado Viático» e «Dolmens». Com
a primeira destas obras magníficas fez o Artista a sua entrada no
«Salon» de 1898, obtendo do júri alta recompensa e da crítica elo-
giosos incitamentos.

O '*Jornal do Comércio*' de 25 de Outubro do mesmo ano, num
artigo da autoria de Artur Lobo de Ávila, publicado sob a epígrafe
«Cândido da Cunha», em dada altura diz: — «No começo deste ano,
Cândido da Cunha voltou à Bretanha e ali fez os estudos de paisa-

gem para um grande quadro que intitulou: «O Viático», o qual foi recebido no «Salon» merecendo muito lisonjeiras apreciações da Imprensa».

A '*Revista Moderna*', que se publica em Paris, escreveu a seu respeito o seguinte:

«Ao defrontarmos com a tela de Cândido da Cunha, vemos que estamos em frente de um forte e prometedor arcaboço de Pintor cuja inspiração é nobre e fácil, em que o noivado da forma e a pincelada vibra, estremece e chora com toda a personalidade do Artista. O «Viático» é uma paisagem austera, de poesia grave e doce. No primeiro plano, duas figuras, o padre leva o Viático, e o menino do coro conduz a lanterna cuja chama pica a noite e se embebe como filete de sangue na treva. As figuras são apenas indicadas sem recorte nítido, sem projecções, e toda a intensa beleza poética da tela reside no drama natural, na luz e na sombra. No segundo plano, uma Lua nascente avermelhada banha campos e montanhas que se adivinham e perdem na noite, e ao longe sente-se uma povoação que palpita indecisa e vaga. Tão pouca coisa, e no entanto é o infinito e a perfeição! O sentimento do mistério abre as asas sobre esta tela, ronda as figuras que mal revela, lateja nos algares da montanha que mal contorna, palpita no luar, que mal abre e emerge sòmente, evocador da sombra. «Viático» é um título mal achado; eu ter-lhe-ia chamado antes *Hino à noite*, que é o que realmente esta tela é.

Cândido da Cunha reúne ao sentimento plástico o sentimento idealista; na sua factura larga, cursiva, vigorosa, perpassa com intensidade a poesia da natureza; o estabelecimento dos planos é perfeito; o toque firme e sólido. Esta noite azulada e doce em que repousa os olhos cansados de tantas effigies mundanas, da *bariolagem* gritante de tantas telas absurdas, só um Artista bem português, Poeta e de uma raça de Poetas, a poderia pintar. É preciso fixar este nome, pois está aqui o estofo de um grande paisagista que, com Sua Majestade El-Rei D. Carlos e Carlos Reis, constituirá já agora a trindade capaz de prosseguir a obra de Silva Porto e Marques de Oliveira, de interpretar com alma portuguesa a terra portuguesa. El-Rei D. Carlos é o Poeta panteísta e trágico, alma de navegador das Descobertas, para dizer a luta convulsa das ondas negras dos mares sinistros e para entoar hinos à vida, à hora em que as fanfarras do Sol pelo alto azul cantam a fremente epopeia da luz. Carlos Reis o pincel nervoso e cálido, cheio de fegosidade, esbraseado de cor; Cândido da Cunha, a alma de elegia e lirismo que prefere as horas bemolizadas da melancolia e ternura, alvas que põem no azul tremuras de sangue e de amarilis lacrimosas em que o luar chora rosas».



O «Viático» foi desde logo considerado a sua obra-prima, não demorando o nome do autor a colocar-se legitimamente entre os primeiros paisagistas portugueses. Dessa obra esplêndida apenas

hoje existe no Museu Nacional de Soares dos Reis um estudo de pequenas dimensões, que o Artista destinava a pleno desenvolvimento reconstitutivo da grande tela em referência. Esta, como tantas outras de mor valia assinadas pelos melhores Artistas nacionais, e entre elas «Dolmens» e «Papoilas» também da autoria de Cândido da Cunha, lamentavelmente se perderam no infeliz e sempre recordado naufrágio do «Sant'André». Este barco — não será de mais referi-lo — naufragou no alto mar quando regressava a Portugal, transportando muitas das melhores peças da Arte portuguesa, meses antes expostas com o melhor êxito na grande Exposição Internacional de Paris.

Em fins de 1898, António Cândido da Cunha, coberto de prestígio e vivendo o benéfico entusiasmo de uma plena mocidade, regressava ao seu País onde sem detença continuou um novo ciclo de trabalhos, porventura o mais eloquente e de mais significativa altura na sua brilhante carreira de Pintor. Com efeito, durante cerca de nove anos, quase ininterruptamente, o Artista desenhou e pintou nos arredores de Barcelos — nesta terra, que era a sua — e em Águeda, por certo os lugares de Portugal onde encontrou os recortes paisagísticos mais expressivos e a luz mais doce que a sua elegante sensibilidade exigia. De Águeda procurou o Artista fazer, — e de algum modo o conseguiu — uma pequena zona para Pintores, que ali, desde Setembro até Novembro, durante anos seguidos, em excelente camaradagem trabalhavam com fé e entusiasmo. Além de Cândido da Cunha, recordo o seu e meu Mestre Marques de Oliveira, João Ribeiro, Teixeira da Silva, Júlio Ramos e outros. Era, como alguns com espirituosa e enternecida ironia diziam, «a... Barbizon portuguesa, a... Barbizon do Norte».

Surgiam então as águas tranquilas, espelhantes e de discretos murmúrios; ou os paús cercados de terras baixas, cobertas de macios relvados, que a sensibilidade do Pintor, aproveitando as penumbras dos fins de tarde ou os instantes fugitivos do amanhecer, transformava em aveludados tapetes de verdura.

Sempre o Artista dispensou nítida preferência à serenidade evocativa e sentimental das horas crepusculares em que os seres e as coisas se fundem em harmonias de longa e profunda sonoridade, unicamente perceptíveis ao seu invulgar espírito. Na realidade, não lhe iam de feição as cálidas incidências soalheiras do pleno dia onde as cores, os planos e os elementos essenciais se explicam em violências de contrastes e metálicas orquestrações de wagnerianos efeitos.

Cândido da Cunha era um triste, um concentrado, um intimista. Os assuntos que elegia, em regra de franca e arquitectural simplicidade, tornavam-se por isso em demoradas e difíceis realizações. Ninguém, entre nós, melhor do que ele compreendeu e traduziu a verdadeira razão da síntese. Para o ilustre barcelense as coisas, antes de se oferecerem em definições de complicados relevos ou confusas grafias, deviam sugerir pensamentos e despertar sentimentos.

Prendendo-se à terra e às árvores verdejantes que em algumas zonas dela vemos brotar, interpretando as gamas infinitas produzidas pelos revérberos da luz e suas constantes mutações, o Artista, após a escolha do motivo, era infatigável nas exigências, refazendo-o em variados aspectos, auscultando-o comovidamente até atingir não só a perfectibilidade da realização plástica que a sua alma de Artista requeria, mas ainda cingindo-se-lhe tão intimamente que, de estudo em estudo, a própria vida interior ficasse a pertencer-lhe.

Desta maneira, não é difícil hoje encontrar-se sobre o mesmo assunto, desde o apontamento ao estudo mais acabado a carvão, a óleo ou a pastel, elementos que o Pintor desenhava e pintava sem desfalecimento para o mesmo quadro. Desta ansiedade de perfeição jamais se desprenderam, como anteriormente referi, o perfeito sentido estético e a mais inteligente sobriedade. Sendo de temperamento oposto ao de Puvis de Chavannes ou de Wistler, na interpretação da síntese vemo-los exercerem-se — salvo as devidas distâncias e géneros — em convergências mais ou menos próximas.

Cândido da Cunha viveu de perto a legítima apoteose dos citados Mestres como assistiu ao aparecimento e prematura morte do chamado *Modern Style*, que entre nós mais conhecido ficou por *Arte Nova*. Deste e de outros modernismos, de maior ou menor consistência, soube ele defender-se, antepondo a tudo quanto representasse falha de dignidade ou honradez o ficar ele próprio.

O Artista, se, de preferência, se evidenciou como paisagista e mais se prendeu aos efeitos da proximidade da noite, não quer dizer que algum dia tivesse por completo posto de lado a figura humana e as realizações exuberantes do Sol na sua plenitude. O próprio mar, na indomável força e constante agitação que o caracteriza também vez por outra lhe serviu de motivo para estudo. Todavia, o que se verifica, sobretudo na interpretação deste último, é serem ainda as mesmas horas sombrias da absoluta eleição do Artista a não lhe traírem a individualidade e a imprimirem à obra o poder de observação e sentimento tanto da sua própria índole. São as vastas manchas de sombra a completarem os altos das ondas cavas donde emergem sons doloridos da rude tragédia do mar nas suas sucessivas desintegrações musicais, mostrando sempre o elegíaco Artista a impregnar de pensamento a sua obra. Não é, porém, difícil de concluir, através dos elementos por ele deixados, que não foi na agitação violenta das águas ou dos seres que o seu belo temperamento melhor se encontrou. Não. Todo ele estava mais próximo de outra espécie de aticismo mais calmo, de mais serena poesia.

Para concluir estas singelas palavras de affecto e admiração sobre a personalidade de Cândido da Cunha, um dos raros portugueses que superiormente souberam impregnar seus quadros de sentimento e sonho — na terra que o viu nascer e a que pertenceram alguns Poetas ilustres — não encontro mais honroso e digno fecho do que o bellissimo soneto de António Fogaça, outro barcelense sublime a quem as Letras Pátrias muito devem:

INOCÊNCIA

Duma larga varanda sobranceira
à planície que vai para o Nascente
vejo a fresca paisagem florescente,
como brotando numa só roseira...

Canta d'amor no campo uma ceifeira.
Os aldeões trabalham santamente.
Há no quadro a harmonia resplendente
das grandes relações da vida inteira.

Pastam, sem medo, os pachorrentos gados.
O Sol, a pouco e pouco, vai a erguer-se...
Correm d'Agosto uns dias sossegados.

Nesta flórea paisagem que estou vendo
tudo entre si parece compreender-se...
Só a minh'alma é que eu não compreendo!



Barcelos pode orgulhar-se de ter sido berço de figuras eminentes na Igreja, nas Artes e nas Letras. Uma delas foi o bondosíssimo D. António Barroso, Bispo do Porto, já numa praça da cidade legítimamente perpetuado no bronze, facto assaz dignificante para VV. Ex.^{as} e para aqueles que de algum modo ajudaram a realização de tão elevado empreendimento. Pois bem; deste lugar e aproveitando a oportunidade de vir falar-lhes de um barcelense ilustre, de quem fui colega e amigo, eu sinto-me no dever de sugerir a VV. Ex.^{as} a ideia que considero justa e honrosa para aqueles que a levaram a efeito. Refiro-me à realização de uma delicada memória ao Pintor Cândido da Cunha, a levantar numa das praças desta encantadora cidade, cheia de evocação e rica em aspectos arquitectónicos e paisagísticos.

Para tanto, sendo necessário, e, felizmente, sem precisar de qualquer procuração para o fazer, eu muito me honro oferecendo à gente boa de Barcelos a cooperação da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, de que o excelso Artista foi distinto aluno e donde partiu confiante, pleno de nobres aspirações, à conquista da beleza e da Arte que admiravelmente serviu, e que dele fizeram um dos maiores e mais enternecidos Pintores de Portugal.

EDITORIAL IMPÉRIO, LDA.-RUA DO SALITRE, 151 A 155.-LISBOA

biblioteca
municipal
barcelos



53096

O pintor Cândido da Cunha